
Marcelino de Sousa Lopes
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

O FUTURO DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

1. VISÃO PROSPECTIVA DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL: DESAFIOS DADOS PELOS SINAIS DA HISTÓRIA

Na actualidade a Animação Sociocultural, em Portugal, e em diferentes contextos do mundo, encontra-se num estágio de evolução cuja complexidade importa reflectir mediante um discurso que revele a validade e a imprescindibilidade sociais da sua actuação.

Este dever imperioso inscreve-se numa cidadania activa que urge desenvolver face aos muitos problemas existentes na sociedade portuguesa e que nunca é demais recordar:

- desintegração humana: social, cultural, familiar, política, educativa;
- debilidade dos movimentos sociais, nomeadamente: associações, sindicatos, organizações populares de base, que num passado recente, respondiam às insuficiências do poder;
- democracia calendarizada, ritualizada e desligada do sentido da vida quotidiana e cada vez mais ligada a um sistema partidocrático fracturante e leitor de uma realidade parcial;
- delegação representativa em vez de participação assumida pela via do compromisso social;
- gestão cultural do produto em vez da cultura do processo;
- visão multicultural e intercultural desligada de uma valorização educativa cada vez mais associada a fenómenos de exclusão;
- desigualdades sociais geradoras de injustiças gritantes, onde há pensionistas a auferirem mais de 18.000 euros e outros a viverem com uns míseros 150 euros;
- ausência de uma cultura da vivência e da convivência, predominando uma “cultura” virtual alienante, desfasada da vida e assente no virtual, onde as pessoas vivem a partir da vida dos outros;
- comunicação mecânica, onde se fala a partir do telemóvel, da Internet, impedindo a pessoa do diálogo humano;
- consumismo irracional, revelador de um símbolo assente no primado do ter em relação ao ser;
- dependência de fármacos, nomeadamente antidepressivos, geradores de dependências psicossomáticas, devido à ausência de programas de Animação Sociocultural fomentadores de convívio e promotores de uma vida com sentido;

-
- desintegração do meio rural e grande concentração humana na faixa litoral do território, provocando desequilíbrios ambientais, culturais, sociais;
 - desagregação do sector primário e debilidade do sector produtivo secundário, originando uma concentração de recursos humanos na área dos serviços, causadora de desajustes no tecido social;
 - apologia do passatempo e do “mata tempo” no centro comercial, segundo os ritmos da “cultura do Shopping”, onde se vai para ver e comprar o que se precisa, mas também o que se não necessita e, onde se assiste a um movimento de pessoas sem laços humanos e à exclusão social entre os que vêm e os que compram.

Ao reflectirmos sobre o futuro da Animação Sociocultural, em Portugal, estranha e preocupadamente temos a noção do paralelismo entre o que existe na actualidade e o que esteve na origem da Animação Sociocultural e, então, lembramo-nos das marcas trazidas pela história e que são, entre outras: o problema do êxodo rural e os respectivos problemas de integração, os problemas associados à comunicação interpessoal e a necessidade de promover programas que valorizem a inter relação humana, o problema do défice de participação e a necessidade de promover programas de Animação Sociocultural, tendo em vista o fomento de uma participação comprometida com o desenvolvimento e a autonomia das pessoas.

Não somos defensores das teorias transmissoras da ideia de que a história se repete, contudo, somos crentes do princípio que, embora a história seja irrepitível, existem problemas no seio das comunidades que só podem ser superados pela acção solidária de laços comunitários.

Para uma visão do futuro da Animação Sociocultural, sustentada pelos sinais conferidos pela história, trazemos à colação as opiniões de cinco personalidades ligadas à evolução da Animação, em Portugal, que muito contribuíram para a afirmação do seu discurso, sobretudo nas décadas de 70 e 80. Assim, aquando da entrevista realizada para a compreensão do fenómeno da Animação Sociocultural, tomamos em boa nota as opiniões de Augusto Santos Silva, Orlando Garcia, Esaú Dinis, Henrique Gomes Araújo e Luis Martins que apresentam perspectivas muito diversas relativas à problemática do futuro da Animação. Os três primeiros autores referidos emitem opiniões de que resultam três hipóteses futuras para o futuro da Animação Sociocultural.

O Futuro da Animação Sociocultural, em Portugal, segundo Augusto Santos Silva, vai centrar-se no desenvolvimento comunitário.

“As questões do desenvolvimento rural podem ser abordadas numa perspectiva de Animação, os programas leader da União Europeia foram criados com base na aplicação de procedimentos em que um Animador se reconhece. Eu pelo menos reconheço, até acho que houve alguma pressão exógena que conduziu a que o Estado Português, por si próprio,

tivesse de apoiar esse tipo de esforços. A Animação Sociocultural tal como a associação “In-LoCo” do Algarve a pratica, ou o conjunto de organismos que se costumam reunir na Manifesta e o que a Manifesta representa, ou a Rede Animar, tudo isso representa um corpo de princípios e de procedimentos que é aplicável depois em situações muito diferentes entre si, embora tenham sempre como características comuns o trabalho com pequenos grupos, com populações, partindo das suas raízes com atenção aos territórios, tendo sempre a atenção ao local e ao agir local que é uma das particularidades da Animação Sociocultural e agir local a partir dos temas de referência das populações com que trabalhamos. Neste sentido, se tem futuro ou não, depende muito do futuro que as actuais dinâmicas sociais reservarem à possibilidade de intervir nas populações de uma forma não autoritária nem de engenharia, quer dizer sem nenhuma espécie de azedume para com os engenheiros, acho que a Animação Sociocultural é um processo um bocadinho ao contrário da engenharia, na engenharia tem de se fazer uma coisa normalmente a partir duma resolução standarizada, penso que não haverá três métodos diferentes para calcular a resistência de um dado material, por exemplo o betão que se está a utilizar na construção de uma ponte ou coisa assim, na Animação Sociocultural não pode ser assim, os materiais com que trabalhamos não são materiais, são pessoas e trabalhamos a partir dos projectos dessas pessoas. Também nos distinguimos dos economistas da teoria da modernização porque ao contrário deles que pensam que há um conjunto de necessidades definidas à partida e que é preciso responder a elas, nós achamos que não há um corpo de necessidades definidas à partida e, portanto, que é preciso perceber quais são os recursos, as necessidades, os projectos das pessoas e é isto que são as nossas necessidades.”

(Silva, 2003. Entrevista n.º1)

O Futuro da Animação Sociocultural em Portugal vai centrar-se, segundo Orlando Garcia, numa perspectiva plural onde coexiste uma panóplia de âmbitos e ainda uma vertente difusa e outra mais institucionalizada, que deve responder e corresponder a preocupações da sociedade nos diferentes níveis: culturais, sociais, educativos, políticos, formativos (formais e não formais) e novas tecnologias.

“A Animação Sociocultural sempre teve e vai continuar a ter esta vocação pluri, multi, extensiva, adaptativa aos meandros, meandros cada vez mais e mais diversificados e a Animação Sociocultural acompanha todo este processo. Julgo que a Animação Sociocultural, no futuro, implica que haja mais especialização, mais estruturação. Nos sectores de actividade que forem mais especializados, a formação vai ter tendência a qualificar-se e nalguns aspectos a especializar-se e vai continuar a haver “n” acções que não têm controle nem dispositivos, quer universitários, quer estatais, ou seja, o que vêm é o que resulta da dinâmica das pessoas. Agora, cada vez, tendemos mais a ter as denominadas associações quase virtuais, não são associações formais é malta que está associada à volta de determinado tipo de interesses e que contactam uns com os outros através das internetes e telemóveis e depois encontram-se e realizam actividades...”

(Garcia, 2003. Entrevista n.º 2)

Na opinião de Esaú Dinis, o futuro da Animação Sociocultural apresenta um panorama tridimensional, a saber: - uma corrente proteccionista estatal resumida numa política para as pessoas; uma segunda corrente assente na vertente de uma intervenção levada a cabo por uma política com as pessoas onde a Animação Sociocultural serve para criar e imprimir dinâmicas comunitárias destinadas à resolução de problemas concretos e uma terceira corrente ligada a novos âmbitos emergentes da vida quotidiana e onde a figura do Animador vai ter um relevante papel como mediador e como dinamizador do tempo de ócio das diferentes faixas etárias.

“Eu penso que a Animação Sociocultural terá três vertentes; uma mais conservadora no interior da própria democracia, consistindo em tirar partido daquilo que já existe, seja na fruição dos bens culturais, seja no levar mais longe aquilo que é a componente instrutiva e educativa da própria educação, seja a partir de campos delimitados como o desporto, o turismo. Permitirá, durante o tempo em que as pessoas estão disponíveis, que tirem melhor partido do que já têm mesmo sem o valorizarem.

Penso que há ainda uma segunda dimensão que é mais reformista ou “revolucionária” e mais prospectiva, no sentido em que há na sociedade a necessidade de partir para uma democracia mais participada, mais inovadora e, ao mesmo tempo, abrindo novos caminhos para as pessoas se libertarem e encontrarem o verdadeiro sentido das suas vidas.

Há um terceiro caminho, que passa pela Animação do quotidiano que não pode deixar de ser feita, que é relativa a grupos tocados por problemáticas de droga, de delinquência, que se ocupam de idosos, de deficientes, de imigrantes, em que o animador tem um papel muito importante.”

(Dinis, 2003. Entrevista n.º 3)

O futuro da Animação Sociocultural, para Henrique Gomes Araújo, apresenta-se condicionado por uma sociedade que manipula e domina e só os movimentos portadores de ideias novas poderão alterar este quadro:

“Vejo um futuro difícil, com dificuldades devido ao facto das formas de manipulação e domesticação serem hoje sofisticadas. É preciso uma grande dádiva para poder levar a afirmação do discurso da Animação Sociocultural. Embora também penso que há novos movimentos de jovens e movimentos jovens que estão interessados em participarem no sentido de se atingir a autonomia.”

(Araújo, 2003: entrevista n.º 5)

Para o antigo director e proprietário da *Intervenção - Revista de Animação Sócio-Cultural* o futuro da Animação Sociocultural apresenta-se dependente da capacidade da afirmação do seu discurso.

“O futuro da Animação Sociocultural passará pela força social que tiverem os grupos sociais que pensam que ela é determinante. O Futuro não me parece determinado, o futuro é a confluência de vários grupos em presença, não vejo muita facilidade para a Animação Sociocultural se afirmar, depende da capacidade de afirmação.”

1.1. O poder político na história da Animação Sociocultural

O poder político de hoje, ao contrário dos anos 70, assume alguma resistência à Animação, em virtude do discurso crítico colidir com os interesses instalados de uma classe política cada vez mais desfasada da população, como o demonstra a evolução da taxa de abstenção nos sucessivos actos eleitorais. Contudo, embora a maioria da classe política se oponha a este método de intervenção, existe uma minoria de políticos que vê na Animação Sociocultural um meio de potenciar a democracia, um caminho para a assunção de uma cidadania plena, um processo conducente à credibilidade da acção política, uma forma de conferir verdade e legitimidade à eleição e ao exercício de funções políticas.

Para estes e para os políticos do futuro, estamos convictos de que a Animação Sociocultural constitui e vai constituir cada vez mais uma estratégia de intervenção, permitindo a introdução de programas de Animação, e, ao mesmo tempo, promovendo o aparecimento de cidadãos com plena cidadania: críticos, solidários, tolerantes, cooperantes, participantes nas causas públicas, felizes, e onde a acção humana constitui a chave para uma nova forma de estar e de ser.

Os políticos do presente e do futuro podem reduzir despesas aos contribuintes através de sectores chave, onde a Animação pode e deve conferir sentido a partir da sua intervenção. Eis alguns exemplos:

- saúde: a partir da acção terapêutica da Animação Sociocultural, é possível reduzir nos custos com fármacos, anti-depressivos através do bem estar, felicidade, harmonia, criatividade e auto estima conferidos pela acção da Animação;
- educação: através da articulação dos espaços educativos formais, não formais e informais e, ainda, pela partilha e cruzamento de saberes, levando os alunos a uma melhor capacidade de aprenderem, e tornando o tempo livre como um tempo educativo;
- prevenção do risco: os programas de Animação Sociocultural constituem um meio de precaução, eliminando focos de violência, marginalidade, dependência, agressividade e criminalidade;
- animação do ócio diurno e nocturno dos jovens: conferir um sentido criativo, divertido e educativo através de programas que envolvam a participação juvenil;

-
- dar sentido à vida: promover formas criativas assentes na acção e não na passividade, na participação e não na delegação, no animar o tempo e não na morte do tempo;
 - ambiente: ligar o ambiente ao homem numa perspectiva de eco-território partilhado e assumindo-o como património humano;
 - justiça: nada é mais justo e igualitário que um programa de Animação Sociocultural. As pessoas são seres iguais que cooperam entre si, retirando à vivência diferenças sociais, poderes e diferenças etárias;
 - prevenção rodoviária: dado Portugal ser um país com uma taxa elevada de sinistralidade é possível a partir de programas de Animação Sociocultural intervir através de uma educação rodoviária que anule a mera informação mecânica, promovendo a envolvimento directa das pessoas à volta de uma formação centrada em questões ligadas à humanização relacional;

A Animação Sociocultural é imprescindível dado que vivemos também o tempo da existência de comunidades sem vida comum e daqui emergir o dever imperioso de devolver o sentido crítico à existência, como nos expressa Garcia (1980), ao afirmar:

“Passamos a ser conduzidos por modas, que nos são meticulosamente impostas, por modelos que nos entram pelos olhos dentro, criou-se uma máquina de consumo para a qual não estamos preparados para responder criticamente a que não são isentos os processos hipnóticos que essa máquina utiliza. Deram-se uma série de machadadas na comunicação interpessoal directa, viva, o que contribui para que os grupos perdessem grande parte da sua capacidade de acção e de intervenção directa. Criou-se um ambiente de passividade, de massificação e de conformismo, alimentado pelo bombardeamento de imagens e ideias. A certa altura surge-nos a animação como hipótese de resposta a isto. Começa-se a tomar consciência de que fazemos parte de um rebanho, essencialmente nos meios urbanos, mas foi-se alastrando para os meios rurais.”

(Garcia, 1980: pp. 6-7)

Actualmente, a Animação requer uma metodologia de intervenção que implique uma acção educativa assente em respostas que anulem a domesticação humana, a mecanização, o indivíduo desligado das pessoas, o ritual e o trivial em vez da vivência criativa. Uma metodologia que vá de encontro aos desejos expressos por Placer (2000) no seu artigo “Educación y Animación Sociocultural en una Sociedad Globalizada”, incluída nos Cuadernos de Animación, n.º. 1, no qual perspectiva estratégias de resposta aos problemas sentidos, nos dias de hoje, e que se prendem com a necessidade de se promover a dimensão humana.

Quadro n.º 51: a Animação Sociocultural numa sociedade globalizada

Educação sociocultural para:	Perante uma sociedade de:	Alternativas Socioculturais:
Conhecer	Pensamento único Saber = estar informado/ informação controlada	Descoberta Consciência crítica Aprender a aprender
Conviver	Dependência Controle exclusão	Comunicação Relação Interpessoal Participação
Ser Pessoa	Capital humano Massificação Individualismo	Autoestima / autonomia Solidariedade / diálogo Consciência de povo
Fazer/Produzir	Instrumental Competitividade	Cultura sócio-ecológica Solidariedade Criatividade

Fonte: Felix Placer (2000)

2. A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E NÍVEIS DE CONHECIMENTO

Pensamos que, dada a qualidade interdisciplinar das matérias e dos conhecimentos que abarca não é possível conferir à Animação Sociocultural um corpo teórico próprio. Entendemos que não é desejável que isso aconteça. Assim a Animação Sociocultural não deve ser redutoramente prosseguida por uma unívoca abordagem parcelar, mas, antes, por um conjunto de perspectivas e seus correspondentes métodos, isto é, por um conjunto articulado de saberes de diferentes níveis de complexidade, configuradores da pluralidade da temática conceptual e da natureza do seu objecto.

A Animação Sociocultural do futuro terá de fornecer respostas que se liguem ao pulsar de um tempo caracterizado por uma acentuada instabilidade social, económica, laboral, política, psíquica, ou seja, terá de prosseguir a sua função de modo comprometido com a pessoa humana e com os seus anseios e expectativas. Terá, igualmente, de actuar sob o signo da afectividade, de maneira a propiciar o reforço dos laços de solidariedade activa, capazes de neutralizar o individualismo cismático e os estados de depressão psicossocial. Será uma Animação que intervirá em níveis tão diferentes como o político, o social, o cultural, o educativo, mas também nos planos da sensibilidade, da criatividade, da confiança, do humanismo, do viver em grupo e em harmonia com o meio ambiente. Esta vocação pluridimensional, como é óbvio, é refractária à aplicação e reprodução de lógicas modelares unívocas.

A Animação Sociocultural não possui, portanto, um corpo teórico próprio devido à amplitude e ao alcance da sua intervenção. Isto não desqualifica a sua filosofia de acção, nem significa pobreza teórica. De facto, é possível assinalar no discurso multidisciplinar que sustenta teoricamente o seu âmbito de conhecimento e de intervenção um conjunto de elementos ou traços discretos de identificação, como muito bem assinala Trilla (1997), na sua epistemologia fundada em sete diferentes níveis de conhecimento, sete diferentes níveis que podem ou não apresentar uma configuração autónoma.

Quadro n.º 52: a Animação Sociocultural e os níveis de conhecimento

Níveis de conhecimento	Caracterização
Metateórico	Este item incide a discussão sobre o âmbito do discurso da Animação Sociocultural e que compreende, entre outras coisas a relação da Animação com outras áreas, a génese da sua intervenção e a questão sobre se é metodológica, ideológica, tecnológica, teórica, prática, teórica-prática....
Sistemático - Conceptual	Este nível centra o debate à volta dos conceitos, âmbitos e terminologias
Ideológico-ético-político	Este compreende a discussão em torno das finalidades, compromissos, atitudes, modelo de intervenção da animação como acção política dentro de um quadro ético e deontológico.
Sociológico	Centra-se na problemática do prévio conhecimento e profundo estudo do meio em que se vai intervir, e isto requer, por parte dos técnicos de intervenção, uma formação no âmbito da sociologia, antropologia, metodologia, das técnicas de análise e das formas plurais de interpretação da realidade.
Psicológico	Centra-se na necessidade de se possuir um profundo conhecimento sobre o sujeito da intervenção. O conhecimento não se deve centrar somente na acção da animação, mas estender-se aos destinatários do programa a quem se dirige a intervenção, e isto requer formação sobretudo ao nível da psicologia social e psicologia comunitária, que constituem instrumentos de apoio indispensáveis.
Metodológico ou tecnológico	Constitui o centro nuclear da intervenção, é por esta via que se elabora, planifica e avalia a intervenção. A animação constitui em si uma metodologia e o animador, na acção de animar, deve possuir um conjunto de técnicas de intervenção que o leve a promover programas nos contextos cultural, educativo e social.
A Experiência	Este nível apoia-se na premissa que a vida e a experiência conferem conhecimentos e saberes. Constituíram no passado o primeiro espaço formativo para a animação e os animadores

Fonte Trilla (1997). Adaptação Própria

3. A CIDADANIA COMO IMPERATIVO DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

A Animação Sociocultural investe em práticas de cidadania plena, mediante as quais o ser humano é incitado a intervir na causa pública. Isso requer informação, consciencialização, cultura e vivência democráticas que promovam a pessoa à condição de actor protagonista do seu desenvolvimento social, cultural, educativo e político. Assim, hoje, requer-se uma Animação que partilhe o sentido e a dimensão dos postulados propostos e defendidos por Peres (2004):

"Há coisas que não gosto neste país. Não gosto da democracia domesticada, da cultura do silêncio, das desigualdades socio-económicas e das exclusões socioculturais. Dói-me que esta aldeia pequena ande à deriva. De forma autista e prepotente, os poderes instalados vão fomentando o corte de laços sociais e de confiança daqueles que lutam por uma globalização solidária e sustentável."

(Peres. In *A página da Educação*. n.º. 130 de Janeiro de 2004-01-12)

A Animação Sociocultural do presente e do futuro exige uma intervenção com dimensão ética, que passa pela compreensão de que a felicidade dos outros é também a nossa. A Animação Sociocultural dos tempos vindouros carece de novos compromissos, nomeadamente, no plano existencial, na aquisição da plena autonomia e autoorganização humanas na procura de um bem-estar interior e exterior. No fundo, o seu horizonte último é o da utopia de não ser mais necessária, dado ter-se atingido o ideal duma sociedade assente em relações solidárias, afectuosas, em que a vivência corresponde à convivência, em que o agir é sinónimo de interagir, em que a democracia é um modo de vida, com uma participação comprometida com os outros e não assente na delegação. Uma Animação, enfim, ligada ao direito mais elementar do ser humano, o direito a ser feliz, como sublinha Dalai-Lama:

“(...) É indiscutível que o cuidado pelos outros é benéfico. É indiscutível que a nossa felicidade está intimamente ligada à felicidade dos outros. É indiscutível que se a sociedade sofrer nós também sofreremos...”

(Dalai-Lama, 2000: p. 135)

O Futuro da Animação Sociocultural requer ainda políticas pensadas por políticos com visão prospectiva, que falem o que pensam, que utilizem o discurso crítico e não o politicamente correcto, isto é, que as palavras tenham o verdadeiro sentido original.

Porque o futuro não pode, não deve ser construído na adopção de novos léxicos, muito em vigor por determinados políticos, que expressam palavras sem sentido, porque são ditas em contextos vazios de significado e daí emergir um novo vocabulário muito presente na classe política, em que as linguagens em que expressa o termo de equidade em vez de igualdade, exclusão social, em vez de pobreza, assimetrias, em vez de desigualdades...

Estas questões afectam o nosso futuro e, conseqüentemente, o da Animação Sociocultural, porque os fenómenos não são isolados e tomando como exemplo a exclusão social importa ter presente que a mesma projecta um conjunto de exclusões que, de acordo com Bruto da Costa (2004, p. 22-24), apresentam as seguintes características: - tipo económico, onde a forma de exclusão se apresenta como consequência das péssimas condições de vida, débeis qualificações profissionais e conseqüente precariedade laboral; – tipo social: com uma influência directa ao nível das relações interpessoais, onde normalmente não existem relações sociais, imperando o isolamento, a falta de autonomia e autodesenvolvimento. – tipo cultural: onde a falta de cultura e de laços culturais constituem um terreno fértil para a assunção de práticas xenófobas, racistas e chauvinistas; – tipo patológico: caracterizado por factores de índole psicológica ou mental, resultantes de alterações operadas no seio da família e derivados de comportamentos desviantes; - comportamentos auto-destrutivos: resultante de comportamentos que conduzem a uma auto-exclusão como consequência de comportamentos

auto-destrutivos, derivados normalmente do álcool, da toxicod dependência e da prostituição.

Estas exclusões sociais devem constituir uma óptima base de trabalho para o futuro de uma Animação Sociocultural, comprometida com a integração social, com uma participação comprometida, com o auto-desenvolvimento e a autonomia Humana, com a elaboração execução e acompanhamento de programas que visem as relações interpessoais, as prevenções e o estabelecimento de laços sociais. Para tal é imprescindível que o poder político esteja ciente das potencialidades deste método de intervenção comunitária e manifeste disponibilidade para a criação de equipas de intervenção multidisciplinares, onde a figura do técnico de Animação assuma centralidade.

Qualquer programa de Animação Sociocultural deve constituir uma acção baseada no direito de cidadania com uma qualidade de vida que passa entre outras coisas, pela assunção de direitos, nomeadamente o direito ao reencontro da cidade com o cidadão e onde a cidade se apresente como um espaço educativo que estimule o interagir, a criatividade, a participação, levando a pessoa a estar informada, a opinar, a intervir na vida política e social da comunidade. Este princípio é partilhado por Queiroz, quando afirma:

"...O convívio e as relações interpessoais estão centradas na casa, onde crescem as culturas de apartamento. As culturas de saída estão sujeitas a uma competição dos audiovisuais e a múltiplas alternativas domiciliárias, o que coloca em lugar destacado a questão da qualidade dos equipamentos culturais e dos respectivos serviços. Exige-se humanização no planeamento dos novos espaços urbanos com integração de equipamentos culturais que estimulem a convivialidade e a cidadania. A relação entre a cultura e o espaço urbano é uma questão teórica urgente, pois da identificação das suas potencialidades e bloqueamentos depende o desenvolvimento de sociedades democráticas ou o estabelecimento cada vez mais estratificado do acesso à produção cultural. (...)A renovação das cidades está na ordem do dia e esta exige a participação dos cidadãos. A personalização da cidade passa inevitavelmente pela sua diferença mas também pela abertura ao mundo, pela forma como valoriza mas também como contacta e estabelece uma relação positiva entre este e o global."

(Queiroz, 1999: p. 33)

Uma cidadania que hoje nos aparece carregada de riscos e perigos, fruto de um poder que nos quer manietar, condicionar, controlar e limitar a nossa participação e intervenção.

Assistimos aos novos sinais que nos chegam da nova mentalidade reinante onde tudo é norteado pela lógica de mercado - mercado da saúde, mercado da educação, mercado da cultura...- estendendo este princípio da economia de mercado para uma sociedade de mercado, onde bens e direitos assumidos no passado como sejam: a saúde, a educação e a cultura se transformam numa onda empresarial, designada pela sigla do utilizador/ pagador:

"Está a emergir um novo senso comum mercantil, onde tudo se compra e tudo se vende. (...) A Educação corre o risco de deixar de ser um direito de cidadania e passar a ser um bem de produção e de consumo sujeita à

lógica do mercado. (...) A ideia é que não haja apenas uma economia de mercado mas uma sociedade de mercado..."

(Santos In: a página da educação Julho de 2002)

A Animação Sociocultural como imperativo de cidadania deve ainda ligar-se ao sentido da superação de focos de marginalidade humana, normalmente de uma marginalidade imposta pela uma adoção de vida sem vivência social e familiar onde jovens são socializados a partir da rua numa lógica tribal, como nos assinala Garcia:

"(...) Os Jovens urbanos estão a ser socializados numa lógica que favorece a "tribalização" dos comportamentos. Ao nível simbólico, as estéticas inspiradas no mundo "escavacado" têm alastrado nas mensagens e referências mediáticas. Apreciam-se e cultivam-se diversas formas de decadência e de violência civilizacional. Há uma poesia angustiada dos ambientes degradados e devastados. Emergiu o culto do "urbano-depressivo", que está em proliferação..."

(Garcia, 2002. Comunicação no Seminário Animação Sociocultural e Participação, organizado pela ANASC/Palmela dias 24 e 25 de Outubro.)

A Animação Sociocultural como metodologia de intervenção, inscrita na educação não formal, deve ter como missão futura, desocultar tendências "bancárias" muito enraizadas no sistema educativo formal e promover uma pedagogia da libertação como nos ensinou Paulo Freire.

Tem-se educado os cidadãos numa lógica da passividade e da delegação de poderes, reconvertendo-os em meros receptores. Tem-se promovido a democracia puramente formal. O futuro exige:

- viver a participação e rejeitar a delegação. A dimensão da participação deve estar associada à auto-organização, à autonomia e a um permanente compromisso com o desenvolvimento;
- rejeitar a precarização das relações laborais que afectam a participação e condicionam a vida das pessoas;
- educar para o tempo livre, onde o ócio não se esgote em negócio, mas num tempo que permita o viver criativo através de vivências e processos de participação partilhados;
- defender um novo associativismo que vá de encontro ao pulsar deste novo tempo e que constitua um espaço propício de educação não formal;
- valorizar a dimensão da política entendida como meio de participação na causa pública e não reduzida apenas a uma classe política;
- potenciar a democracia entendida como a vontade do povo e rejeitar o sistema da partidocracia entendida como a vontade de um determinado partido em sobrepor-se a tudo e a todos;

-
- lutar pelo aparecimento de novos gestores, facilitadores de práticas democráticas e rejeitar o modelo de comissários políticos cujas práticas são, normalmente, norteadas pela perseguição a quem perfilha ideias diferentes, remetendo para o silêncio e a clausura as vozes críticas. Denunciar, ainda, a desfaçatez destes comissários ao criticarem a falta de produtividade quando são os próprios a condicionarem e a limitarem os desempenhos profissionais.

4. A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E AS PERSPECTIVAS FUTURAS

A Animação Sociocultural do futuro deve novamente içar as bandeiras do seu passado histórico, plasmadas no princípio formulado por Delval e trazido à colação por Salvatare (1997) quando sustenta uma reflexão sobre os fins da educação, - é uma reflexão sobre o destino do homem, sobre o lugar que ocupa na natureza, sobre as relações entre os seres humanos.

Esta dimensão de homem com humanismo requer uma série de compromissos ligados com a vivência diária que deve ser norteadas por postulados e normas que confirmam sentido à nossa condição de seres humanos já que, nos últimos tempos, temos sido vítimas de algumas “machadadas” dadas ao justo sentido do humanismo onde assume destaque a transformação do homem/humano em homem/ mecanizado e institucional e que aparece como consequência das práticas se terem alterado profundamente, nas últimas décadas, e surgem estritamente relacionadas, nomeadamente, com o ciclo da vida. Se evocarmos a memória dos nossos bisavós nasciam em casa, viviam e trabalhavam a partir da casa, a velhice passava-se no seio da família e morriam, humanamente, em casa. Os nossos avós nasceram em casa, viviam e trabalhavam a partir da casa, a velhice, normalmente foi ou é passada em lares e vão morrer na instituição/hospital. Os nossos pais nasceram em casa, no seio da família, passaram a infância no seio da família, cresceram no seio da família, trabalham ou trabalharam numa instituição, mas mantendo a ligação à casa família. Vivem ou viveram a velhice normalmente em lares e morrem ou vão morrer longe da família na instituição hospital. A nossa geração nasceu, geralmente, em casa, passou a infância em casa, viveu a adolescência e parte da juventude a partir da casa, vai passar a velhice em lares ou em residências para a terceira idade e vai morrer na instituição. Os nossos filhos ou os que nascem no nosso tempo nascem em hospitais/instituição e em grande parte em incubadoras, eventualmente, através de partos artificiais e também, normalmente, afastados do leite materno, ainda na idade lactente vão para o infantário depósito/instituição. Na infância continuam na instituição infantil/depósito/depósito, ainda na infância vão para o ensino básico/instituição, a juventude é passada na escola secundária e universidade/instituição, na idade adulta trabalham numa instituição, a velhice vai ser passada num lar/instituição e, concerteza, vão morrer numa

instituição hospital, lar..., longe dos laços familiares.

Esta constatação permite-nos compreender as muitas violências, as muitas depressões, o muito insucesso educativo, a muita agressividade, os muitos desequilíbrios, a falta de diálogo, a falta de afectos, a toxicodependência, o alcoolismo,...

Ser vítima do afastamento da vida é ainda associado à comunicação mecânica via telemóvel, Internet, pois a caracterização do homem chamado post-moderno, frio, institucional, distante, insociável, individualista, não solidário, para quem a Animação Sociocultural do futuro deve olhar e atender a partir de programas que, sob o signo do afecto, lhe devolvam o pulsar da dimensão humana e lhe confirmem espaços de promoção de relações interpessoais criativas, de confiança, de expressividade e de sentido. Uma Animação Sociocultural que anule o desconhecimento do homem pelo outro homem, como nos diz Paulo Ferreira:

*“As pessoas, hoje, não andam, correm;
não param, cruzam-se;
não conversam, gesticulam;
não escutam, ouvem;
não vêem, olham;
não sentem, reagem;
não convivem, estão juntas.
As pessoas, hoje, caminham lado a lado sem jamais se encontrarem.”*
(Ferreira, Paulo.1999: p. 93)

A Animação Sociocultural deverá também atender, ainda, ao facto de actualmente assistirmos à proliferação de doenças e males resultantes das muitas tensões geradas pelo viver numa sociedade onde as pessoas são cada vez menos “sócias”umas das outras. Neste sentido, deverá tomar-se em linha de conta o aumento da tendência geral, na sociedade portuguesa, de estados de depressão. Com o intuito de dar respostas a algumas destas questões, recentemente, a Direcção Geral da Saúde elaborou um documento em que se prepara para avançar com o programa Nacional de Luta contra a depressão...

“Portugal vai ter programa nacional de luta contra a depressão. Perturbações neuropsiquiátricas já são a primeira causa de incapacidade e mortalidade em Portugal. Hoje é o dia mundial da saúde mental. (...) Estima-se que o total anual de consultas psiquiátricas ascenda a meio milhão; 50 mil serão primeiras consultas. Em apenas uma década (1992-2001) o consumo de antidepressivos mais do que duplicou em Portugal (de 1,8 para 4 milhões de embalagens). (...) Em Portugal existem 39 estabelecimentos de psiquiatria e pedopsiquiatria e três centros de alcoologia com uma capacidade global de internamento de 2640 camas (cerca de 60 por cento concentram-se nos cinco hospitais psiquiátricos do país). (...) Há 422 psiquiatras, 160 psicólogos, 40 pedopsiquiatras, 124 técnicos de serviço social, 65 terapeutas ocupacionais e 5 técnicos de psicomotricidade.”
(Jornal Público de 10 de Outubro de 2004,pp.10-14)

Estamos de acordo com os propósitos deste programa de intervenção. Todavia, somos

de opinião que técnicos de Animação devem fazer parte da constituição das equipas de intervenção no pressuposto de que ela é portadora de uma estratégia validada pela experiência e orientada para a criação de dinâmicas activas que podem evitar o crescente consumo de antidepressivos.

O Pedagogo madrilenho Merino Fernandez (2000) prevê que o futuro da Animação Sociocultural passa pelas seguintes áreas de intervenção: área cultural, área comunitária, área do ócio e área formativa.

“(...)se perfilan para el futuro cuatro ámbitos claros de actuación de los programas de animación sociocultural: a) Ambito cultural; b) Ambito comunitario; c) Ambito de ocio; d) Ambito formativo – profesional, como exigencia de la rápida movilidad profesional y del paro.”

(Merino, 2000: p. 87)

Este autor especifica cada um destes itens, a partir dos seguintes enunciados:

- no âmbito cultural, considera a tendência futura da Animação Sociocultural associada ao desenvolvimento cultural e à criação artística, como muito prometedora e em contínua expansão.
- no sector comunitário e atendendo aos indicadores registados no plano das acções ligadas ao desenvolvimento, - Animação e educação comunitária, - considera que ela se encontra em crescimento;
- no âmbito do ócio, considera que, dado a sua generalização, se deverá animar o tempo de ócio como uma espaço propício para o incremento da criatividade associado ao crescimento pessoal e dá particular ênfase à tendência que mais autonomia tem vindo a adquirir, a Animação turística;
- no âmbito formativo-profissional, destaca-se a importância do reforço de uma forma de Animação, denominada Animação laboral, associada à necessidade da formação permanente.

Outra voz que anuncia um promissor futuro para a animação é Ventosa (2002), que a toma como factor imprescindível da procura incessante e utópica da plena felicidade e da realização humana.

“La ASC, en última instancia, se asienta sobre la inalienable aspiración humana por sobrepasar sus propios límites, su necesidad nace de la incesante búsqueda de autonomía, libertad y emancipación del ser humano que, en el fondo de sus más íntimos anhelos, rememora constantemente la pregunta de Goethe: “¿ A caso no estamos en esta vida para hacer eterno lo efímero?”. ”

(Ventosa, 2002, p: 237)

De La Riva (1989) é outro autor que inscreve a Animação e o seu futuro numa

intervenção de luta em prol da realização de um ideário plural. Nessa medida, sustenta que a acção da Animação e do Animador não podem ser neutras, mas devem assumir comprometidamente a sua vocação de agenciamento transformador da sociedade.

“(...) (Nuestro tiempo, nuestra realidad, no admiten ya lecturas lineales, interpretaciones unívocas y definitivas.). (...) Educadores, trabajadores sociales, promotores y organizadores comunitarios, animadores culturales, cuadros políticos y sindicales, militantes del movimiento asociativo popular, voluntarios de la solidaridad..., nuestra acción, nuestra intervención, influye en mayor o menor grado, de una forma u otra, en el conjunto social, en las condiciones de vida de la gente. Nuestra acción es social. Porque su objeto y su espacio es el de las relaciones entre las personas, sus pautas y modelos de conducta, las mentalidades y actitudes sociales...”

(De La Riva, 1989: p. 39)

Quintana (1993), por sua vez, associa o futuro da Animação Sociocultural à realização da felicidade futura, muito embora reconheçamos que os sinais que nos chegam não sejam portadores de um optimismo esperançoso. A sua convicção é de, no entanto, que o futuro requer o envolvimento e a participação criativa de todos os indivíduos na descoberta do seu potencial individual e colectivo.

“(...) En el desarrollo económico de nuestra sociedad aparecieron inicialmente las actividades primarias (agricultura), luego las secundarias (industria), y ahora se halla plena eclosión el sector terciario (servicios). El próximo será el sector cuaternario (o de servicios sociales). Es decir, que después de tener cubiertas todas las necesidades materiales, trataremos de alcanzar niveles de mejor calidad de vida, es decir, también de vida humana y social. Y es aquí donde ha de actuar la Animación. Mejor dicho, ya está actuando, y es de prever que se irá desplegando cada vez más, tanto con animadores voluntarios como mediante profesionales cualificados...”

(Quintana, 1993: p. 179)

A Animação Sociocultural liga-se, ainda, no dizer de Sanchez (1997), à formação do homem do futuro, e que requer uma formação que ensine o homem a agir, a interagir, a participar, a expressar-se e a assumir um papel activo na vida do grupo e da comunidade.

“(...) La animación sociocultural puede desempeñar un papel importante, en lo que se refiere a la preparación del hombre que se adiestra para un futuro inmediato. Podemos indicar que a la animación sociocultural se le abren grandes perspectivas, a la vez que tiene planteado el reto de hacer su aporte en la formación del hombre del futuro.”

(Sánchez, António. 1997, p. 27)

Gostaríamos que o futuro da Animação Sociocultural materializasse o pensamento de Demasi (2000), trazido à colação por Maria João Seixas, configurador de uma proposta de felicidade futura, gerada pela civilização do ócio sem ociosidades. Domenico Demasi, professor de sociologia do trabalho, na Universidade La Sapienza, em Roma, apresenta uma auspiciosa

carta de intenções para os jovens de hoje e para os adultos do futuro, mediante a qual sustenta o princípio de que o homem vive para viver uma vida de prazer criativo e não uma vida de trabalho alienante.

Se estas premissas se revelarem correctas, então o futuro da Animação Sociocultural atingirá, segundo o mesmo autor, o seu apogeu no ano 2020, uma vez que passará a intervir em vários espaços e a desenvolver estratégias para dar sentido ao elevado tempo de ócio, nomeadamente através de programas que garantam a formação permanente, a integração dos tempos de trabalho, não trabalho, tempo livre e tempo liberto.

“No ano 2020, quando tiverdes 40 anos, todos os trabalhos manuais, todas as actividades intelectuais sem valor acrescido, poderão ser confiados a máquinas. Cada pessoa disporá, à partida, de 30.000 horas de trabalho. Os horários deixarão de ter importância. Nos países ricos, o dia de trabalho não ultrapassará 3 horas, a semana de trabalho, 3 dias. (...) Será cada vez mais difícil fazer a distinção entre estudos, trabalho, tempo de lazer(...) A instrução que, hoje em dia, se situa à volta de 40 mil horas, passará a formação contínua e ocupará um mínimo de 100 mil horas da nossa vida. Será concluído um novo pacto social destinado a redistribuir a riqueza, o trabalho, o saber, o poder. A burocracia e a criatividade opor-se-ão numa luta sem tréguas.

No ano 2020, quando tiverdes 40 anos, cada pessoa disporá de 400 mil horas de tempo de lazer. Será esse o vosso problema mais sério: como ocupar esses tempos? Como evitar o tédio? Como conseguir evoluir intelectualmente? Contribuirá isso para que haja mais violência, pelo contrário, mais paz social? A própria violência será real ou virtual? Por isso é que desde já, deveis preparar-vos para o lazer, muito mais do que para o trabalho, como é o caso nos nossos dias. (...) No ano 2020, quando tiverdes 40 anos, cada um de voz tenderá a demarcar-se fortemente dos outros quanto ao gosto, aos desejos, aos comportamentos individuais. Tereis tendência a só fazer o que vos apaixonar e a centrar as vossas actividades nos sectores que vos motivarem intensamente. A motivação constituirá o maior factor concorrencial.

No ano 2020, quando tiverdes 40 anos, a maioria das pessoas acreditará que só vive uma vez e que, portanto, é preciso viver bem. A maior parte das profissões estará virada para o bem – estar, o individual e o colectivo. Como a duração da vida será muito longa, as pessoas ocupar-se-ão menos da quantidade da vida e muito mais da sua qualidade.”

(Seixas, 2000, p. 12/13).

Vemos, ouvimos e lemos e não podemos ignorar que os ventos que sopram não são amenamente favoráveis ao presente histórico, que é marcado por um grande desrespeito pelo ser humano e mais, assustadoramente, pela vida humana. Continuamente assistimos a crianças, jovens, adultos e idosos a morrerem sem saberem porquê. Esta loucura sanguinária traz-nos à memória o texto dramático de Léon Chancerel “Gota de Mel”, que nos relata que, a partir de nada e do sem sentido, se geram guerras capazes de homens matarem outros homens sem saberem o porquê e da aplicação de tantos modos de matar aplicados ao nosso tempo e a assunção da permanente loucura sanguinária que conduz à chacina e à barbárie humana.

Também continuamente verificamos que a chamada pós - modernidade é, do ponto de vista ideológico, uma forma de legitimar as diferenças sociais e económicas entre os diferentes estratos da população e de assegurar o bem-estar aos detentores do poder político e financeiro.

Transportamos, contudo, a esperança de que um outro futuro pode ser possível e porque somos adeptos de filosofias, de ideais e de sistemas espirituais que confiam no potencial de transformação e de sublimação do ser humano, apoiamo-nos numa oração inspiradora de Lalariam, reproduzimo-la como meio de incitação e inspiração da acção dos Animadores, cujo sentido de vida é reconduzível à vocação de serviço, junto do homem do presente e do homem do futuro.

*“Possa eu ser em todos os tempos, hoje e sempre
O protector dos que não têm protecção
O guia dos que perderam o caminho
Um barco para os que têm de atravessar oceanos
Uma ponte para os que têm de atravessar rios
Um santuário para os que estão em perigo
Uma lâmpada para os que não têm luz
Um refúgio para os que não têm abrigo
E o servente de todos os que precisam “*

(Dalai-Lama, 1999: p. 135)

Perspectivamos, ainda, o futuro da Animação Sociocultural como um meio de praticar uma forma de intervenção assente em aprendizagens para a vida, como um modo de partilhar saberes, aprendizagens, experiências, de transformar as atitudes passivas do ver, ouvir e do escutar em atitudes através de envolvimento, debate, confronto, participação, interacção, convívio, sempre com o objectivo último de levar cada qual a encontrar o seu caminho, sem se sujeitar à imposição de modelos condutores do tipo “vem por aqui”.

Bibliografia

- Garcia, Orlando. (1980): *Relatório do Seminário a Cultura na Gestão Autárquica, Lisboa, SISMET.* (texto policopiado).
- Garcia Orlando. (2002): *Globanimação – Os óbvios e os obtusos, Palmela, Seminário da ANASC* (texto policopiado).
- Peres, Américo. (2004): *A Animação Sociocultural no centro do desenvolvimento pessoal e comunitário*, Porto, A Página da Educação.
- Placer, Félix Ugarit. (2000): *Educación y Animación Sociocultural en una Sociedad Globalizada.* Cuadernos de Animación n.º 1. Astúrias, Asociación cultural Asturactiva,
- Queiroz, Jorge. (1999): “Gestão Cultural e programação artística. Teoria e prática numa experiência local”, in AA.VV. *Está tudo bem com o teatro em Portugal?* Viseu, Instituto Português das Artes do Espectáculo e Livros Cotovia, pp.30-37.
- Sánchez, Antonio. (1997-2.ª edición): *La Animación Hoy una respuesta a la realidad social*, Madrid, Editorial CCS.
- Seixas, Maria João. (2000): *Liberdade e Tempos “Livres”,* Maia, Publicações “Terraço”.

Trilla, Jaume. (1997): “Concepto, Discurso Y Universo De La Animación Sociocultural”, in Trilla (coord.): *Animación Sociocultural Teorías, programas y ámbitos*, Barcelona, Ariel Educación, pp. 13-38.

Ventosa, Victor. (2002): *Fuentes de La Animación Sociocultural en Europa*, Madrid. Editorial CCS, (edição revista e ampliada).